

O PRINCÍPIO, O MEIO E O ... DEVIR

Carla Nunes Vieira Tavares

Professora do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, Doutora em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp e Doutora em “Sciences du Langage” pela Université de Franche-Comté, França.

RESUMO: O objetivo deste trabalho é propor um olhar para o processo de aquisição de escrita que focalize o sujeito sob o prisma de uma teoria de subjetividade psicanalítica, pautada, em especial, no primeiro ensino lacaniano. A análise se debruça sobre uma produção escrita de uma criança de 4 anos, visando a explorar os meandros da constituição do sujeito, os efeitos de sua submissão ao universo de linguagem e a singularidade de sua inscrição no mundo. Desse modo, intenta-se problematizar o processo de aquisição da escrita, sugerindo que se dê maior atenção às incidências subjetivas que podem (des)velar traços do sujeito aí engendrado.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade. Escrita. Educação.

ABSTRACT: This article aims at proposing another perspective through which the writing acquisition can be discussed, considering the subject according to a psychoanalytical subjective theory, especially that of Lacan's first teaching. The analysis focuses in a piece of the writing production of a four-year-old girl so as to explore the intricate subject constitution, the effects of his/her submission to the language universe and the singularity of his/her insertion in the world. Consequently, we hope to discuss the writing acquisition process by suggesting deeper attention to the subjective incidences which are likely to (un)veil traits of the engendered subject.

KEYWORDS: Subjectivity. Writing. Education.

INTRODUÇÃO

No princípio era o Verbo [...] Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez.”

S. João, 1:1-5.

A importância da palavra na criação parece ser reconhecida desde os tempos bíblicos. O Deus criador é representado como a própria palavra em ação, o Verbo, que coloca em movimento uma massa amorfa, inerte, vazia, em trevas. Pela palavra, tudo se (trans)forma¹ e a luz lança fora as trevas.

Isso me fez pensar no processo de (trans)formação do sujeito e como a palavra articulada ao desejo aí incide de/na forma pungente. Pretendo focar, em especial, a entrada da criança no universo da escrita, uma das várias instâncias linguageiras pelas quais ocorre a subjetivação, e como o desejo do Outro² intervém. O pressuposto é de que o desejo do Outro seja, de certo modo, determinante da posição que a criança virá a ocupar nesse universo (LACAN, 1966/1998), mas que, na relação dialética entre o desejo do Outro e o desejo da criança, essa determinação seja, por vezes, subvertida. Vale lembrar que, embora o sujeito tenha sua existência subordinada à operação de alienação ao Outro, é preciso que a operação de separação aconteça para que o primeiro advenha de forma singular, provocando, assim, a subversão temporária da alienação, em um ciclo constante de (trans)formação subjetiva.

123

Seguindo uma linha de raciocínio da psicanálise lacaniana, aquele que nasce não passa de um corpo, um pedaço de carne que recebe forma mediante as palavras com que é nomeado, falado, discursivizado. O bebê se vê como um prolongamento do corpo da mãe, seus movimentos são desconexos. Lacan observa que o bebê fantasia seu corpo como estando despedaçado (LACAN, 1949/1998). A imagem que ele tem de si advém pelo olhar da mãe, o que indica a relevância da alteridade para a constituição do sujeito. O olhar do outro é, a princípio, a única via para a ilusão de unicidade e de homogeneidade, decisiva para a formação do Eu.

Assim, na direção de se fazer Um, o Outro desempenha um papel fundamental na estruturação do sujeito. Lacan (1957/1999) aponta para a condição humana de constante insatisfação, busca por algo que falta e que não consegue ser simbolizado, sinalizando que a relação com o objeto é sempre da ordem daquilo que falta-a-ser. O que o sujeito almeja lhe é revelado exatamente por essa falta. O desejo do sujeito é sempre desejo do Outro, na medida em que é pela linguagem, pela cultura, pelo inconsciente e pelos tantos Outros que o sujeito poderá ter uma pálida idéia de seu desejo. Eis a razão porque o psicanalista afirma que o desejo se torna constitutivo do sujeito na relação com o Outro, na sua própria alteridade. Para que o *infans*³ se (trans)forme em sujeito falante, portanto, é preciso que a falta se instaure e o sujeito seja posto a desejar.

¹ Ressalto que este artigo se embasa no primeiro ensino de Lacan, em que o psicanalista enfatizou o papel do simbólico na constituição subjetiva. A palavra dá contornos ao mundo, inaugurando a possibilidade de que os sujeitos e objetos sejam representados (“formados”). Entretanto, a linguagem não dá conta de representar o mundo. Há sempre algo que sobra, um resto, acarretando que a “forma” imaginária conferida pela representação seja da ordem de uma falsa realidade (LACAN, 1954-55/1985). Decorre daí as constantes transformações a que sujeitos e objetos estão passíveis, uma vez que estão submetidos ao universo de linguagem. Esclareço que as primeiras datas das referências se referem ao ano em que foram ministrados os seminários de Lacan ou ao ano do *copyright* da obra consultada.

² A psicanálise lacaniana faz uma distinção entre o pequeno outro e o grande Outro. O primeiro se remete ao semelhante humano, *autre*, em francês, com o qual se instaura uma relação de alteridade. A alteridade também se dá na relação com o Outro, mas esse representa o registro da linguagem, da cultura, do social, do inconsciente.

³ *Infans* é o termo usado por Lacan para se referir à criança antes de ela adquirir uma língua que será dita materna.

Entretanto, mesmo antes de vir ao mundo, esse corpo já está inscrito no universo de linguagem. Já existe para ele uma posição a ser ocupada, posição essa que tem a ver com o desejo do Outro, mas que será habitada de forma singular, obedecendo aos caminhos de seu próprio desejo. O corpo do bebê, que num primeiro momento, lhe parece despedaçado, fragmentado, desconexo, começa a ganhar contornos pelas palavras da mãe, pelas letras que o toque dela imprime em seu corpo. Na dialética do desejo, o corpo é marcado pelo desejo do Outro, que imprime ali marcas esvaziadas de sentido, significantes que serão preenchidos pelo sujeito com sentidos advindos da experiência com a palavra e com o corpo. A relação mãe-bebê, nesse sentido, é estruturante da relação corpo-linguagem porque é a fala da mãe, o toque, os gestos, seu olhar, que revestem o corpo do bebê dessas letras, verdadeiras crateras de gozo, que possibilitarão que o sujeito ocupe um lugar no simbólico. Essas letras têm o poder de fixar a “intangível instantaneidade da iluminação” (LECLAIRE, 1977, p. 60).

Nesse momento, a criança se vê no lugar do falo⁴ da mãe. A passagem por essa posição é fundamental, pois, ao tomar o bebê como objeto de desejo, a mãe o torna parte de si mesma através das operações de representação e de substituição. O *infans* vê para si uma primeira função: ser o objeto de gozo de um outro. É preciso, porém, que essa posição seja abandonada para que a criança, de fato, ocupe um lugar na linguagem não como sujeito passivo, mas como sujeito desejante e, conseqüentemente, falante.

São as palavras, o olhar, o toque do outro que comunicam vida ao *infans*, vida essa que não é apenas biológica, orgânica, mas aquele tipo de vida que não se extingue quando o fôlego se acaba. Refiro-me à pulsão, que continua a se fazer notar nas obras e nas lembranças que alguns seres humanos deixam quando seu

corpo biológico não mais nos brinda com sua presença física.

“A palavra é a morada do ser e seu acolhimento primeiro está no desejo do Outro” (LEITE, 2003, p. 512). A cada palavra que o sujeito aceita do Outro para si corresponde um pedaço daquele corpo primeiro que morre. O sujeito se cola às palavras do Outro e perde o corpo próprio, do qual ele nada sabia. Nesse sentido é que o sujeito se aliena às palavras do Outro. Leite [...] acrescenta que “o jogo lingüístico tem como fundamento a construção desse corpo pulsional, um corpo onde o ser de linguagem se aloja” (p.512).

A separação do corpo da mãe é vista como o momento em que a criança percebe que não é o único objeto de desejo da mãe, pois esta dirige seu olhar para outros objetos. A criança, tão pouco, pode possuir essa mãe, pois deve se submeter a uma lei. Esse momento instaura a falta fundante no sujeito. Segundo Lacan (1966/1998), ao adentrar no universo simbólico da linguagem, a criança metaforiza o significante outrora fálico, desejante da mãe, numa substituição pelo significante Nome-do-Pai, que simbolicamente constitui o mundo exterior, a lei que interdita o desejo da criança. Tal operação simbólica é que vai nomear o sujeito pela mediação do Outro, organizar e regular o princípio do prazer, barrando o gozo do que era antes impossível e que passa agora a ser proibido. Sendo assim, enquanto não sofre a castração, o sujeito sempre se verá como uma imagem antecipada.

A gradativa dissociação do corpo da mãe coincide com a alienação da criança à linguagem. A alienação à linguagem visa ao preenchimento ilusório da falta instaurada pela castração. De significante em significante, instaura-se um movimento metonímico por meio do qual o sujeito empreenderá constantes e infrutíferas tentativas de encontrar um sentido para si. Por meio dessas tentativas, o sujeito constrói uma rede de significantes que lhe confere pontos de ancoragem imaginários, prenhes

⁴ O falo corresponde a uma representação de algo que, para o sujeito, tem muito valor e aponta para a ilusão de completude.

de sentido. A rede, no entanto, estará sempre sujeita a esgarçadas, visto que, quando o sujeito se depara com algo que questiona os sentidos bem tecidos por ela, instaura-se o não sentido, que aponta para o furo na linguagem e para a falta do sujeito. Decorre da suspensão do sentido a separação, que permite uma re-significação da rede de significantes.

Como resultado da impossibilidade de uma significação completa e totalizante, o sujeito tem que procurar outros significantes que possam lhe conferir sentido, empreender novos processos de identificação e não ficar preso àqueles aos quais ele se encontrava alienado, configurando uma separação. Enquanto a rede de significantes encontra-se coesa, não há espaço para deslocamentos subjetivos.

A falta no Outro precisa permanecer como enigmática para que o sujeito deixe de ocupar o lugar do objeto da falta, ou seja, desista do ilusório lugar de objeto do outro. Só assim o sujeito conseguirá sustentar seu desejo. Segundo Bernadino (2006), na relação da criança com o Outro, se desenrolam diferentes posições, a saber:

de objeto para o Outro, ela passará a ser sujeito de sua história. De externa, a estrutura simbólica torna-se o eixo inconsciente a partir do qual ela posicionará sua enunciação. [...] Ao poder se fazer perder pelo Outro (que, por sua vez, aceita se deixar marcar pela falta), procedendo à montagem da fantasia fundamental e da metáfora paterna, a criança surgirá como sujeito dividido, desejante, à espera do ato de confirmação que dará a ver ao Outro social sua estrutura; ocasião que, na nossa cultura, não se dá antes do final da adolescência.

Mediante a teoria da subjetividade calcada na psicanálise, creio ser possível estabelecer uma analogia entre o advento do sujeito, sua possibilidade de se representar no universo simbólico em um ato de criação e a gênese bíblica exposta na epígrafe deste artigo.

O significante materno poderia ser tomado como a causa de todos os seres. É a partir dele que se vislumbra o desejo que possibilita ao ser advir como sujeito. São suas as palavras mais decisivas para que aquilo que antes não passava de um pedaço de carne, um corpo despedaçado (ou na versão bíblica, algo “vazio e sem forma”) possa advir e ocupar seu lugar no universo de linguagem. É a partir desse Verbo que o sujeito se aliena, em um primeiro momento, ao seu criador – no caso, à mãe, à pulsão, aos significantes, até que, pela separação, se torne sujeito de sua própria história e se responsabilize por seu desejo. O processo de investir⁵ o ser no desejo o (trans)forma de um ser amorfo para uma instância criativa, singular, o que me leva a pensar na gênese bíblica. Foi a partir da investidura da palavra que o mundo se fez. Sem o desejo e a falta, fora da relação de alienação/separação, o ser não encontra para si um lugar na cadeia, não consegue antecipar para si uma imagem que lhe permita advir como sujeito desejante e ocupar um lugar no mundo. Está fadado à repetição, à pulsão de morte que aliena a vida e a possibilidade de qualquer devir.

Essa analogia surgiu a partir da observação de uma menina, de cerca de quatro anos, e de sua relação com as histórias que desenhava. Era comum Larissa escrever histórias por meio dos desenhos e os entremear com letras e números que, a princípio, não tinham nexos, mas que pareciam apontar para sua inserção na escrita. Além disso, a partir dos desenhos, ela era capaz de contar e re-contar, quantas vezes quisesse, a mesma história, o que parecia sinalizar uma escrita intermediada pela fala.

O título da história que será analisada é “Primavera”. Ela tem como tema o episódio da gênese da criação, sendo esta a outra justificativa para o título deste artigo. À medida que Larissa contava a história, essa ia sendo escrita nos próprios desenhos por seu pai, preservando as marcas de oralidade.

⁵ Investir no sentido que advém do latim: revestir, guarnecer, cingir bem (Dicionário Novo Aurélio, 1999, verbete “investir”).

A análise desenvolvida tem como base alguns pressupostos provenientes dos trabalhos de Allouch (1995), Pommier (1993) e Abaurre et al. (2002). Allouch (1995) parte da formulação lacaniana de que as formações do inconsciente são cifrações do inconsciente. Ele pontua que “toda a formação inconsciente é um hieróglifo, no sentido inicial em que resiste à compreensão imediata, não é transparente e só se deixa ler mediante um trabalho de deciframento” (ALLOUCH, 1995, p. 17).

Creio ser possível considerar a história desenhada por Larissa uma manifestação do inconsciente com base no trabalho de Pommier (1993). O autor assinala que a aquisição da escrita pela criança revive a própria história da escrita, começando pelo desenho, passando à pictografia, chegando à escrita alfabética. O autor aponta, ainda, o caráter representativo da escrita, passível de ser percebido nos desenhos, que representam e apresentam os sonhos e fantasias da criança. Essas representações tendem a sucumbir pelo recalçamento e o autor sugere que o que está recalçado pode voltar na forma de uma escrita. De acordo com o autor, mesmo a menor das letras traçadas por uma criança traz uma marca da qual desconhecemos a origem. Nesse sentido, pode-se considerar a escrita uma formação do inconsciente.

Pommier (Op. cit.) segue afirmando que a criança só estará pronta para escrever ao estabelecer uma relação com o valor psíquico da representação pictórica, demonstrando que a passagem do desenho à escrita é um evento complexo. Os desenhos das crianças deixam transparecer traços do corpo que sofreu o recalçamento decorrente da entrada na linguagem. Para que o desenho assuma o valor de letra alfabética, o desenho da letra precisa ser recalçado a fim de que deixe de ser apenas um desenho e venha representar um sistema socialmente reconhecido.

Semelhantemente, Abaurre et al. (2002) defendem que a aquisição da escrita seja um momento particular do abrangente processo de aquisição de linguagem, porque é uma instância em que o sujeito pode reconstruir a história de sua relação com a linguagem por meio da representação escrita da língua que fala.⁶

As letras marcadas no corpo, como assinalado mais acima, não portam sentidos em si mesmas. É na relação dialética sujeito-Outro que os sentidos vão sendo construídos. A cifração dessas letras é possível graças a certas operações que deixam irrompê-las, como nos atos falhos, nos chistes, nos lapsos, nos sonhos, nos equívocos e na escrita singular. A leitura dessas letras, cifradas pelas formações do inconsciente, convoca um deciframento, pois as letras se colocam de tal modo ordenadas que escrevem uma escrita daquilo que foi inscrito no corpo e, posteriormente, recalçado.

Concebem-se, dessa forma, duas escritas, conforme Allouch (1995): uma que seria pertinente à escrita das letras no corpo; e outra da ordem das formações do inconsciente. A transferência de uma escrita para outra designa a instância da letra como simbólica (LACAN, 1957/1998). Com efeito, a letra assume o significante na junção em que ela encontra seu estatuto literal na transliteração. A transliteração tem seu ponto de partida na transcrição, mas essa última ganha da primeira sua razão. Transliterar, portanto, implica empreender uma leitura que aponte possíveis sentidos para o escrito que as formações do inconsciente cifram. Esse escrito é possível mediante as letras que foram marcadas no corpo do sujeito e que foram banhadas de sentido pelo Outro. O inconsciente estrutura essas letras como uma linguagem que diz do sujeito, de sua inscrição no simbólico, e do real que o habita.⁷ Trata-se de um saber desconhecido e

⁶ Lembrando que por sermos sujeitos divididos e clivados pelo inconsciente, não temos controle nem somos origem do que dizemos. Pêcheux (1975/1988) discute os efeitos dessa divisão no discurso como “esquecimentos” que servem ao Eu para que ele se mantenha, ilusoriamente, no lugar de senhor de seu dizer.

⁷ Daí o célebre aforisma lacaniano “O inconsciente se estrutura como uma linguagem”.

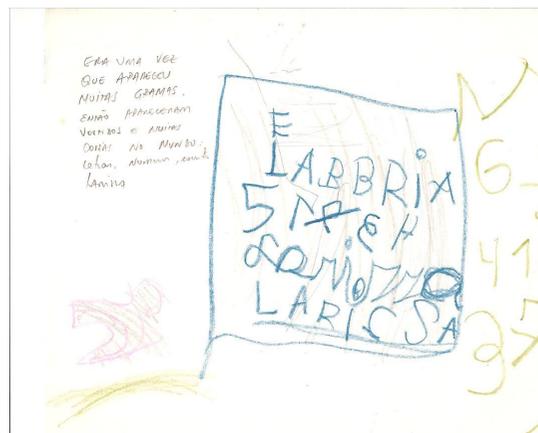
que só dá pistas de sua constituição por meio das formações do inconsciente. Uma tradução dessa escrita implica atribuir um único sentido para essas letras que ali se inscrevem, o que, novamente, as impregna de um sentido que advém de um Outro. Transliterar, porém, abre os sentidos, deixando espaço para o sujeito re-significar essa escrita.

Ao tentar transliterar o que Larissa escreve em sua história desenhada e contada, estou considerando que esse texto materializa algo do inconsciente que escapa e deixa entrever a relação desejo-palavra, convocando um deciframento.

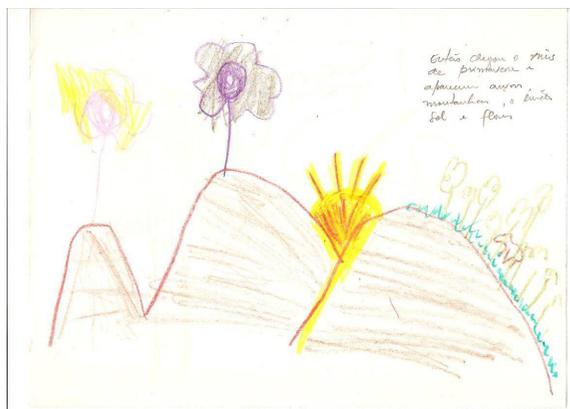
A Criação



Larissa “Primavera”



2. Era uma vez que apareceu muitas gramas. Então apareceram vestidos e muitas coisas no mundo: letras, números, escrito Larissa.



3. Então chegou o mês da primavera e apareceu árvores, montanhas, o lindo sol e flores.



4. Então apareceu uma linda árvore com nome Larissa.

Uma das coisas que chama a atenção nessa produção escrita é a recorrência do nome da criança em quase todas as folhas da história. Na FIG. 1, o nome vem no alto da folha, como que nomeando o trabalho, junto a um céu em que aparecem estrelas, a lua e talvez um cometa ou uma nuvem. Na FIG. 2, o nome aparece em letra cursiva e de forma, na FIG. em que estão outras letras e números, o que é explicado pelo texto da história, pois o “escrito Larissa” faz parte das “coisas” que apareceram no mundo.

Na FIG. 4, a árvore está ladeada pelo nome “Larissa”, que é repetido duas vezes de formas diferentes, como desempenhando um papel central na história. Uma interpretação possível para esse fato diria que ela estava numa fase de pré-alfabetização, que seu nome foi a primeira palavra que aprendera a escrever e essa seria a razão da repetição. Possível, mas rasa, pois nem todas as crianças apresentam em seus desenhos essa fixação ao nome. Além disso, essa interpretação desconsidera a história que envolve essa criança, em especial.

Visto que o desejo do Outro funda uma posição a ser ocupada pelo ser que nasce e que os significantes advindos desse Outro elaboram um pré-construído que inaugura um caminho de constituição para o sujeito, penso que a relação de Larissa com seu nome tem aí sua origem, na escolha de seu nome por seus pais. Um filho começa a ser gerado muito antes de sua concepção. No imaginário materno, desde a época em que as meninas brincam com bonecas, são geradas expectativas, antecipações, imagens que investem o futuro filho de uma significação. Sempre pensei que meu filho seria fruto de uma felicidade tão grande que não caberia mais somente entre duas pessoas e que essa experiência demandaria um terceiro para vivê-la. Ao me descobrir grávida, comecei a pensar em um nome, como tantas outras mães o fazem. Optamos por não saber o sexo do bebê e, por isso, pensamos em opções para um menino e uma menina. Porém, ao me deparar com o nome “Larissa” e seu significado, algo ressoou em mim,

pois o sentido daquele significante combinava com o meu desejo para um filho. O nome Larissa significa “cheia de alegria”. Não era exatamente isso que sempre acalentara para meu filho, que ele viesse cercado de “alegria”? Esse significante parecia se harmonizar com o tesouro de significantes com que eu, a mãe, estava prestes a lhe investir. Nesse sentido, parece haver na história de Larissa uma alienação a essa imagem que o Outro lhe fornece presentificada, nesse momento, na fixação ao nome.

Creio que esse desejo materno constitui uma letra na trajetória de Larissa, letra que ela foi investindo de sentidos e que foi lendo de diversas maneiras, mas sempre preservando algo do sentido que o Outro materno apontava, quem sabe até mesmo orgulhosa de portar em seu próprio nome uma marca que traz em si um pouco do desejo de seus pais e que, de certa forma, sinalizava e antecipava a medida desse desejo. Talvez a insistência do nome fale desse primeiro e indispensável momento de alienação às palavras do Outro para que possa ser construído o Eu e advir o sujeito. Embora essa alienação ao Outro seja condição para a ascensão à subjetividade e inserção no simbólico, pois com ela advém a falta, é preciso que o Outro materno também se mostre incompleto, desejante, sujeito à linguagem, para que a separação suceda a alienação. Com a separação, o sujeito sai do campo do Outro para se tornar ele mesmo sujeito desejante.

A forma como essa insistência do nome se dá parece apontar os caminhos da inscrição desse sujeito no universo simbólico e sinalizar já uma separação. Essa, talvez, possa ser uma interpretação para tantos “Larissas” escritos de modos e tamanhos diferentes, como se na escrita de seu nome ela pudesse também experimentar essa dialeticidade da relação entre o desejo do Outro e de seu desejo, pois, por meio da escrita, ela aparece de formas e em posições diferentes e começa a elaborar um lugar para si nesse mundo em que se descobre.

Observa-se, também, que não há desenhos de um corpo na história, comuns em ilustrações de crianças nessa idade.

O esquema corporal é bastante enfatizado na escola durante a pré-escola e as crianças costumam desenhar corpos que as nomeiam, que as representam e a outras pessoas próximas. Apesar do tema da história analisada, a meu ver, ser a inscrição de Larissa no universo simbólico, não há desenhos de pessoas ali. Creio que a ausência da imagem corporal na produção escrita indicia a simbolização que acontece quando a palavra toma conta do corpo e o mortifica, permitindo que, no lugar de uma imagem, um nome advenha. Possivelmente, essa ausência fala de um movimento de asserção e estruturação subjetiva e de como a criança se situa em relação ao desejo parental, acima discutido.

Na estruturação do sujeito ocorre a transmissão de uma escritura possibilitada pela filiação simbólica que inscreve um significante designativo de um sujeito. A representação desse sujeito é possível mediante o recalque desse significante primeiro e a conseqüente inscrição na cadeia de significantes. Ao discutir sobre o ato de garatujar, Levin (1998) postula a dependência do Outro para nomear e confirmar os primeiros traços feitos pela criança. É a mãe que nomeia esse traço e que o investe como traço unário. Esse traço será recalcado sendo seguido pelo desenho figurativo e, posteriormente, à letra e, finalmente, à leitura. Assim, os movimentos da mão da criança inscrevem, na superfície do papel, traços que representam algo do laço que se estabelece com os significantes, inscrevendo sua presença no campo do Outro da linguagem. O acesso à fala, bem como a transição do desenho para a escrita são dependentes da relação com o Outro. No garatujar parece ser estabelecida uma continuidade entre o corpo e a representação escrita de si por meio dos movimentos da mão que segura o lápis e que este efetua no papel. Na entrada na escrita, a criança coloca em ato sua presença por meio da confirmação de seu traço. É essa primeira escrita que inscreve a posição da criança no discurso e liga o movimento corporal à estrutura.

Talvez a ausência de desenhos do corpo da Larissa na história fale, também, do quanto seu próprio corpo já havia sido tocado pelo Outro, de como as bordas de seu corpo estavam delineadas e da possibilidade de arriscar perder-se em uma outra imagem que não aquela especular representada pelo corpo. O desenho de seu corpo não está ali, mas o corpo ali comparece na escrita de seu nome, mostrando como um significante pode se representar para outro significante. No tatear da escrita, parece ser possível reconhecer o recalque do corpo em favor da letra para que o sujeito Larissa se inscreva e marque, nesse universo, sua posição singular, aqui inscrita pelo nome próprio.

Semelhantemente, é possível inferir seu movimento de separação da imagem em favor da representação escrita, deslocando-a da alienação ao Outro. Nesse movimento, percebe-se um afastamento da posição de estar referida à demanda de reconhecimento do Outro parental (pela representação da imagem de si) para a de reconhecimento de sua posição desejante (a inscrição de sua letra na escrita), embora a leitura desse traço (no caso, seu nome) convoque a presença do outro (na figura dos pais, dos professores e tantos outros) e do Outro (da linguagem) para ratificá-lo. Na asserção subjetiva, portanto, a separação precisa intervir, mas a relação com o Outro jamais deixará de ali incidir.

Outro ponto que desejo ressaltar é o contexto trazido para contar a história da inscrição desse significante “Larissa” no universo simbólico. Como já disse, o texto me lembra o relato da criação do mundo e essa apropriação do relato bíblico pode ser explicada por ela haver ouvido essa história inúmeras vezes. A criação do ser humano na bíblia advém por último e é a coroação de uma obra de arte, de algo muito especial.

Primeiro a natureza é criada para que, posteriormente, o homem possa ali habitar. O título dado por ela também me leva a associar o relato à criação, pois a primavera é a época em que a natureza é re-criada. A FIG. 3 representa bem esse tema. Com certeza ela já havia ouvido isso algumas vezes, pois as escolas

costumam celebrar a primavera. Em sua escola costumava haver uma festa da primavera. Normalmente, essa estação é associada à alegria, ao colorido, à explosão da vida e, provavelmente, por isso, é justamente no mês da primavera que aparecem as árvores, as montanhas, o “lindo” sol e as flores, como figurado na FIG. 3. Esse me parece um tema coerente para abordar o momento inaugural da inscrição de um significante na escrita.

Na história, a primeira ilustração é a capa e traz o título da história. A cena traz uma casa rodeada por um jardim com flores do tamanho da casa, um céu estrelado com a lua e algo que pode ser um cometa ou uma nuvem. Na FIG. 2, a história conta que primeiro surgiu a grama, quem sabe uma alusão ao chão que serve de base para que as outras coisas (os “vestidos” e “muitas coisas”) depois apareçam. A grama, entretanto, é precedida pelo advérbio “muitas” que a qualifica de forma positiva, pois para as crianças, geralmente o muito é associado ao que é bom. O mundo em que Larissa será inscrita (ou escrita) é representado como farto, pois ali há “muita” grama, “muitas” coisas. Uma das “coisas” que me chamam a atenção é a fusão, nesse mundo criado por Larissa, entre a natureza e o escrito. Essa FIG. parece, novamente, indiciar a transição necessária entre a representação pictórica dos desenhos infantis para a escrita, efetivando o recalque do corpo para que advenha a letra alfabética, conforme postula Pommier (1993) e, talvez, por isso, o advento da própria Larissa no mundo se dá por meio de uma escrita e não mais por meio de um corpo.

No mundo de Larissa, a natureza se mistura a objetos (vestidos, coisas), letras e números, o que a princípio parece não fazer sentido. Nessa idade, isso pode ser atribuído à fantasia, é verdade. Mas a fantasia, no sentido psicanalítico, diz respeito àquilo que inconscientemente eu penso que sou no desejo do Outro (Riolfi, 2006). Se a escrita, conforme afirma Pommier (1993), tem um caráter representativo na medida em que apresenta e representa os sonhos da criança, a mistura dos

elementos nesse quadro pode apontar para o modo como os significantes vinham se articulando na inscrição desse sujeito no simbólico.

Na FIG. 2, ressalto que os números, as letras e o nome aparecem emoldurados por um quadrado, o que me remeteu à casa da FIG. 1 pois ambos têm forma semelhante e se encontram no centro do papel. Não seria esse quadrado uma alusão à casa da FIG. anterior, como uma morada para esse sujeito que ensaia sua inscrição? A ideia do ensaio deriva das inscrições anteriores ao nome propriamente dito (como nas letras E, “L A B B R I A”, os números 5, 1, algo incompreensível, 3 invertido, H). O advento da escrita culmina no nome “Larissa” (“apareceram vestidos e muitas coisas no mundo: letras, números, escrito Larissa”). Percebe-se que a morada está ladeada por outros números à direita e, à esquerda, pela grama e algo que, arrisco dizer, é o vestido mencionado. Se a interpretação do quadrado como morada (em referência à casa da FIG. 1) for válida, creio ser possível inferir que a casa provê uma sensação de acolhimento a esse sujeito que começa a se inscrever e se a/entrevir no mundo da escrita. É dentro de um espaço emoldurado que o nome se encontra nesse primeiro momento, embora ali dentro também se encontrem outros sinais de escrita. Todavia, na última ilustração, o nome aparece solto e ocupa um lugar de destaque, como se Larissa estivesse representando essa gradativa “saída de casa”, ensaiando seu desprendimento do Outro materno, para finalmente inscrever-se em um outro lugar. Refiro-me à perspectiva dada pela narrativa, que primeiro traz um cenário para a história em que comparecem o mundo exterior e a casa (a FIG. 1); em seguida, mostra o interior da casa (FIG. 2); levamos, então, para o mundo exterior em que existem as árvores, montanhas, o sol e as flores, para, na última FIG., representar Larissa pela “linda” árvore, aparecimento da árvore Larissa (FIG. 4) pode ser indício de que o sujeito não segue apenas o que está previsto para ele na cadeia de significantes. Pelo contrário, é

capaz de subverter a cadeia naquilo que cria, no que inventa, na medida em que assume uma nova posição em relação ao Outro e se responsabiliza por ser o que é. Não existem outras árvores na história, ela é singular, ela porta um nome que, ao mesmo tempo em que é herança marcada e advinda do Outro, lhe confere o direito a essa posição única no mundo; ela se sente parte de um conjunto, pertencente a um lugar (o jardim, esse mundo que ela representa), mas aparece nesse universo como uma árvore em especial. Está presa ao solo que lhe serviu de berço, mas ergue-se em direção ao céu, onde não há limites. Para se tornar árvore, terá que romper o conforto e o aconchego da terra e arvorar-se espaço a fora a fim de possuir esse lugar a ela reservado. A árvore do desenho é altiva, tem galhos, é frondosa. Tais árvores na natureza costumam servir de morada para pássaros e outros hospedeiros, costumam acolher outras vidas. O solo poderia representar a presença do Outro materno, enquanto o céu poderia aludir à incógnita do desejo próprio. A mãe terra, guardadora dos tesouros significantes primordiais já não pode conter a semente que germinou. Deve, então, ser permeável o suficiente para permitir que o broto irrompa dali, encontre o espaço aberto, com ele interaja para que a planta cresça e dê frutos.

Assim, o nome sai da morada e funda sua presença no mundo representando-se por meio de uma árvore, uma metáfora sugestiva que, dentre outros sentidos, fala de sua origem e filiação a uma semente, da sua dependência dessa origem. Por outro lado, diz também da sua independência, pois, para germinar é preciso que a semente morra, assim como o sujeito, que, para advir, tem que se libertar do desejo mortificante da mãe.

Não é possível esgotar aqui os sentidos dessa metáfora, pois creio que ela toca de modo particular as letras do corpo dos que a leem, permitindo que cada um invista-lhe um sentido e conserve o enigma próprio de cada letra. Ela fala muito do desejo de minha filha, mas ainda mais do meu desejo, pois, “uma pesquisa que metodologicamente se orienta pela transliteração se propõe a fazer uma análise em que o pesquisador e o sujeito estejam implicados”, conforme Riolfi (2006) assinala.

Em certo sentido, percebe-se nessa história da inscrição da Larissa no universo de linguagem a tentativa de se adequar à imagem antecipada do desejo de seus pais, de ocupar “aquele ‘espaço’ entre as linhas, onde o desejo mostra sua face, as palavras sendo usadas na tentativa de expressar o desejo”, como diz Fink (1998, p.77). Esse movimento, porém, sempre fracassa porque os desejos jamais são coincidentes e para que se torne sujeito, a criança terá que ser impedida, interditada de aceder ao desejo da mãe. É por meio da linguagem que a criança conseguirá manter-se à distância e simbolizar o desejo do Outro, em um movimento de substituição constante de um significante por outro.

Retomo, então, a epígrafe deste trabalho. A palavra possui em si uma força fundadora e criadora capaz de (trans)formar tudo que nomeia. Entretanto, quando se trata de sujeitos, creio haver sempre a possibilidade de subverter a palavra primeira e de se criar algo novo, singular, aberto ao devir. O que o desejo parental apontava era que nossa filha fosse “Larissa”, mas, naquele momento de sua vida, ela optou por ser uma “linda árvore Larissa”!

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M et al. *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. 3 ed., Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- ALLOUCH, J. *Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.
- BERNARDINO, L. M. F. A intervenção psicanalítica nas psicoses não decididas na infância. In: COLÓQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 5. São Paulo:2006. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032006000100004&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 19 oct. 2006.
- FINK, B. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- LACAN, J. (1949) O estágio do espelho como formador da função do eu, tal como nos é revelado na experiência psicanalítica. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.96-103.
- _____. (1954-55). *O seminário livro 2 : o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. (1966). *Escritos*. Rio de Janeiro:Jorge Zahar, 1998.
- _____. (1957) *Seminário livro 5. As formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.
- LECLAIRE, S. *Psicanalisar*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- LEITE, N. V. A lingüística e outros saberes. In: ALBANO, E. et al (Orgs.). *Saudades da língua*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 505-513.
- LEVIN, E. A garatuja como vestígio das letras. *Estilos da Clínica*: Revista sobre a infância com problema. São Paulo: USP/ Instituto de Psicologia, n. 4, p. 120-123. 1. semestre, 1998.
- PÊCHEUX, Michel. (1975). *Semântica e Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- POMMIER, G. *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris: Press Universitaires de France, 1993.
- RIOLFI, C.R. Informação oral anotada durante o curso da disciplina « Escrita, subjetividade e ensino », ministrada pela autora, no curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2.semestre, 2006, aula de 19/09/2006.